

ROALD DAHL E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE LITERATURA

Adriane Ferreira Veras¹

Gustavo Vargas Cohen²

RESUMO

Este artigo faz um comentário crítico e informado da vida e obra do escritor galês Roald Dahl. Justifica-se por ser inédito no Brasil, visto que não há análises acadêmico-científicas publicadas a respeito deste importante autor até o momento neste país. Dahl é responsável por obras aclamadas principalmente, porém não exclusivamente, pelo público infantil. Grande parte de seus livros foram transformados em célebres adaptações cinematográficas, com especial destaque para *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, nas versões de 1971 e 2005. O presente texto percorre os eventos mais importantes na trajetória do autor sempre os correlacionando com elementos que, direta ou indiretamente, influenciaram significativamente em suas criações literárias. Concluimos interpretando os motivos que levam as crianças a adorarem e a se identificarem psicologicamente em nível profundo com as obras de Dahl e os adultos a demonstrarem atitude ideologicamente inversa.

Palavras-chave: Roald Dahl. Escritor galês. Literatura infantil. Crítica historiográfica.

O escritor galês Roald Dahl é relativamente desconhecido do público leitor brasileiro. Suas obras literárias mais famosas chegaram até nós através de adaptações cinematográficas – sete de seus livros foram transformados em oito filmes: *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, de 1971; *Danny, O Herói de seu Pai* e *O BFG*, ambos de 1989; *Convenção das Bruxas*, de 1990; *James e o Pêssego Gigante*, e *Matilda*, ambos de 1996; *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (lançado em Portugal com o título *A Maravilhosa História de Charlie*) em 2005 – versão que teve a direção de Tim Burton, em que Johnny Depp faz o papel de Willy Wonka; e

O *Fantástico Sr. Raposo*, de 2009 – filme animado em *stop-motion* dublado com as vozes de George Clooney e de Meryl Streep.

O autor (1916–1990), nascido em Llandaff, no País de Gales, de pais noruegueses ricos, foi educado na Inglaterra e foi piloto na Força Aérea Real durante parte da Segunda Guerra Mundial. Escreveu vários livros destinados primariamente para crianças e foi o criador de uma coleção pequena, porém distinta, de contos para adultos; foi também roteirista de cinema.

Os livros de Dahl para crianças são frequentemente habitados por planos, esquemas, truques, trotes e vinganças de várias sortes. Dentre seus livros mais populares destacam-se *James and the Giant Peach*, 1961, *Charlie and the Chocolate Factory*, 1964, *The BFG (Big Friendly Giant)*, 1982, e *Matilda*, 1988; seus textos *Boy: Tales of Childhood*, 1984 e *The Wonderful Story of Henry Sugar*, 1977 – que contém o ensaio *Lucky Break: How I Became a Writer* são igualmente merecedores de destaque. Escreveu, também, memórias para jovens leitores, que se destaca pelo uso de uma abordagem bastante direta e honesta, a qual sugere que Dahl provavelmente se sentia mais a vontade quando escrevendo para crianças, podendo, assim, lidar melhor com a curiosidade nata, com a falta de cinismo e inocência inerentes a elas.

Seu sucesso como escritor de livros infantis superou enormemente qualquer sucesso que ele obteve enquanto autor de ficção para adultos, afirma seu biógrafo, Jeremy Treglown (2006). Dahl já foi traduzido para várias línguas, mais precisamente trinta e quatro, segundo a pesquisadora Kristine Howard, da Universidade de *Notre Dame*; sendo traduzido inclusive para o português brasileiro. Entretanto, a maioria das traduções para a língua portuguesa foram feitas para a variedade européia.

Quase todo fim de semana, em sua terra natal e por toda a Grã-Bretanha, peças são encenadas baseadas nas suas histórias para crianças. No dia de seu aniversário, 13 de setembro, o Dia Roald Dahl é celebrado com atividades especiais no museu dedicado a ele em Great Missenden, localizado 35 milhas ao oeste de Londres, onde Dahl viveu por quase 40 anos (AP, 2006).

Roald Dahl escrevia numa pequena casa numa área de bosques. Ele chamava sua casa de sua *cabana de escrever* e, medindo ele mesmo quase dois

metros de altura, ele provavelmente se sentia como o próprio gigante de suas histórias. As paredes, cobertas de isopor, apresentam até hoje as manchas de todos os cigarros que ele fumou; há uma poltrona velha e gasta e livros por todos os lados. Não satisfeito com as escrivatinhas disponíveis no mercado, ele criou o design de uma mesa especial para escrever coberta com feltro (como uma mesa de bilhar), para poder usar no colo. Na sua *cabana*, há ainda uma bola feita de invólucros de alumínio de barras de chocolate, a qual Dahl começou a fazer quando ainda era menino e à qual, todos os dias, ele acrescentava novas folhas assim que terminava de comer seu chocolate diário.

Dahl se fez presente na vida dos leitores britânicos – principalmente, porém não exclusivamente – por mais de meio século. Seu primeiro livro para crianças, *Os Gremlins*, foi publicado em 1943 e o último, *Os Minpins*, postumamente em 1991. Em uma pesquisa realizada no ano 2000 por meio da revista *The New Yorker*, leitores britânicos nomearam-no como seu autor favorito. Isso é especialmente impressionante se considerarmos que ele nunca escreveu séries (como Harry Potter, por exemplo), as quais tipicamente acarretam em sucesso com o público infantil e jovem. Além disso, nenhum de seus livros foi oficialmente direcionado a um gênero, como foi o caso de *Nancy Drew*, ou *The Babysitters Club*, entre outros; ele escreveu tanto para meninos como para meninas, sem distinção.

Ele morreu em 1990, aos setenta e quatro anos de idade. Uma vez ao ano, sua viúva, Felicity, convida crianças para visitarem a propriedade onde viviam em Great Missenden, Buckinghamshire; crianças e turistas podem visitar e até sentar na sua cadeira. Há jogos, bolos e lembranças a venda. A banda da Força Aérea Real toca para entreter os visitantes. Com muita seriedade, pode-se dizer que ele era um adulto que era extremamente preocupado com doces (principalmente chocolate) e que ele tinha uma fascinação clínica com o corpo e sua escatologia. Ele também tinha uma paixão por planos inventivos, brilhantes e sorrateiros. Suas histórias frequentemente apresentam uma criança que havia sido vítima de outra mais velha, em posição de autoridade, ou da intolerância e inflexibilidade de adultos. No livro *Boy: Tales of Childhood* (1999), Dahl conta em detalhes como ele foi o objeto de *bullying* verdadeiro e surras sádicas na escola que estudou

chamada Repton, localizada em Derbyshire. Ele escreve sobre ter sido espancado com uma vara por um “boazer” – termo que descreve um típico aluno-atleta da escola – cujas pancadas na pele das nádegas eram administradas com requintes de crueldade. *Boazer* era a maneira como Roald Dahl chamava os monitores-alunos de Repton. O escritor propositalmente soletra erroneamente o nome *Beausiers*, originalmente atribuído aos monitores em Repton.

Em seus livros, geralmente os adultos que maltratam crianças ou animais recebem as punições mais bizarras. Tais punições são, na maioria das vezes, engendradas pelas próprias vítimas, graças a sua bravura, criatividade e esperteza. Animais também são mencionados sem suas histórias, como é o caso do *Fantástico Sr. Raposo*, de 1970, em que os perseguidos e injustiçados são os animais (principalmente raposas, embora hajam animais de outras espécies também). No livro *Os Cretinos*, de 1980, o senhor e a senhora Twit são colados de cabeça para baixo no assoalho pelos macacos e pássaros que haviam sido maltratados pelo casal. Em *James e o Pêssego Gigante*, de 1961, as tias malvadas, Spiker e Sponge, adotam James depois que os pais do menino morrem. As tias se mostram ignominiosas e tratam o menino como um escravo, forçando-o a fazer trabalhos pesados e alimentando-o somente com cabeças de peixes. Tia Sponge é exageradamente gorda e repulsiva, enquanto que tia Spiker é extremamente magra e fria. Ambas odeiam insetos e os matam das formas mais cruéis e horríveis e são, portanto, odiadas por eles. As tias são esmagadas até a morte quando James e o pêssego rolam colina abaixo.

Por vezes, até mesmo crianças mal-comportadas são castigadas. Na *Fantástica Fábrica de Chocolate*, Dahl distribui punições nojentas e desagradáveis a essas crianças. Por exemplo, o ganancioso Augustus Gloop, cujo hobby é comer, é sugado pelos canos que transportam chocolate; a garota boba que mastiga chiclete, Violet Beauregarde, infla como um balão e fica roxa como um mirtilo; o viciado em televisão, Mike Teavee, é miniaturizado e fica preso dentro de um aparelho de TV; a mimada Veruca Salt, provando que ela é, de fato, um fruto ruim, é derrubada dentro do ralo de lixo. Todas as crianças acabam conseguindo sair da fábrica – o anfitrião Willy Wonka as vê sair do tour, uma a uma, sem arrependimentos e com considerável alegria.

Em muitos livros infantis, ao contrário do que pais e responsáveis dizem à criança a respeito da aparência não ser tão importante quanto à beleza interior, a feiúra e a falta de atrativos físicos significam seu equivalente moral. Conseqüentemente, quanto mais feio e mais desagradável fisicamente um personagem é, mais malvado e cruel ele é. Dahl leva esse pensamento ao extremo, descrevendo seus vilões com atributos realmente desprezíveis. No livro *Danny, O Herói de seu Pai*, o personagem vilão, Mr. Hazell, é descrito como tendo “um rosto oleoso brilhante de cerveja, rosa como um presunto, todo mole e enrubescido de tanto beber cerveja” (nossa tradução) (DAHL, 1998a, p.45), e em *James e o Pêssego Gigante*, a malvada tia Sponge é descrita como “um repolho grande, branco, empapado e cozido além do ponto” (nossa tradução) (DAHL, 1997, p.11), e em *George e o Remédio Maravilhoso*, a avó é descrita como “envelhecida, cinzenta e rabugenta” (nossa tradução) (DAHL, 1998b, p. 2). Esta última personagem é retratada sem piedade por Dahl, que acrescenta, na já pouco generosa descrição, que ela possuía “uma boca engruvinhada como o traseiro de um cachorro” (p.2).

Roald Dahl definitivamente compartilhava com George Orwell o conhecimento do porquê as crianças veem os adultos como desagradáveis ou ameaçadores: “parte da razão para a feiúra dos adultos, aos olhos de uma criança, é que a criança geralmente olha para cima e são poucos os rostos que parecem belos quando vistos de baixo para cima” (nossa tradução), escreveu Orwell (1952, p.1).

Nos livros de Dahl, os personagens malvados não são somente isso; eles são horríveis, irascíveis, e eles balançam crianças pelas tranças. Essas características são provavelmente mal-vistas por muitos leitores adultos; todavia, as crianças pensam que eles são hilários e jocosos. Mesmo os personagens considerados como “bons” adultos, e aqui queremos dizer aqueles que demonstram consideração e são favoráveis às crianças, são geralmente representados como descuidados, pusilânimes, covardes e facilmente intimidados, ao passo que as crianças são representadas como razoáveis, sensatas, sábias e centradas. Quando Matilda (protagonista do romance homônimo) é severamente repreendida por seu pai, enquanto ele rasga em

pedaços o livro da biblioteca que ela estava lendo , até o próprio Dahl declara por meio do narrador:

A maioria das crianças no lugar de Matilda teriam explodido em lágrimas. Ela não. Ela sentou-se lá imóvel, branca e pensativa. Ela aparentava saber que se agachar e chorar nunca havia levado alguém a lugar algum. A única coisa sensata a se fazer quando se é atacado é, como disse Napoleão certa vez, contra-atacar (nossa tradução) (2007a, p.35).

A partir desse momento, Matilda começa a planejar seu contra-ataque. Esses planos elaborados que as crianças constantemente criam, planos esses que adultos sensatos rejeitariam como não sendo práticos ou por serem perigosos, sempre garantem desfechos vitoriosos. Um exemplo disso é quando o Pêssego Gigante é atacado por tubarões enquanto flutua pelo oceano. James Henry tem a idéia de usar cordas em forma de laços amarradas a um bando de gaivotas a fim de levantar o pêssego no ar e – é claro – tudo funciona perfeitamente!

A obra de Dahl é repleta de palavras, mais precisamente verbos, os quais fornecem à narrativa e aos diálogos um ritmo rápido e alegre. Ele usa verbos como “*clambered*” (avultou), “*chirruped*” (chilreou), “*rasped*” (limou), os quais não são do conhecimento geral de seus leitores (e de talvez de muitos dos pais que leem essas histórias para seus filhos). Ainda assim, esse recurso não diminui o apelo que seu texto exerce nas crianças. Isso, muito provavelmente, incita-as a descobrir o significado do novo vocabulário para que possam usufruir da linguagem *quase*-codificada de Dahl. O autor também utiliza palavras inventadas que são engraçadas e divertidas, assim como os neologismos “*swishfiggler*,” “*snozzcumber*,” “*Vermicious Knids*”, “*hornswogglers*” e “*whangdoodles*”, para citar alguns. Ele brinca profusamente com sinônimos, como quando as crianças visitando a fábrica de Wonka se referem ao anfitrião, chamando-o de “*dotty*”, “*barmy*”, “*batty*”, “*nutty*”, “*screwy*” e “*wacky*” (todos sinônimos inventivos que equivalem a louco, maluco, doido).

Uma vez que Dahl afirmou, a entrevistadores e público, que sua motivação inicial para escrever histórias infantis foi simplesmente o fato de ter seus próprios filhos, em sua escrita, ele sempre manteve um tom informal e de conversação, como se estivesse contando as histórias a seus filhos na hora de dormir – ele teve

cinco. Seu tom é como se estivesse confiando às crianças um segredo do qual somente eles compartilham. Além disso, seu texto é engraçado, cômico, repleto de pontos de exclamação e muitas frases escritas totalmente em letras maiúsculas, como se estivesse gritando e expondo os segredos podres que seus personagens tentam esconder!

Devido ao fato de ter começado a escrever a fim de entreter seus próprios filhos, suas histórias mantêm, mesmo em forma escrita, esse tom típico da oralidade. Durante a leitura de suas histórias, tem-se a sensação que nunca se está longe da voz do autor dentro do discurso do narrador. Essa característica, embora não exclusiva deste autor, fornece ao texto um tom único, imbuído da autoridade de alguém que sabe um segredo, ou uma piada, e que está disposto a compartilhar com você, o leitor. No momento em que uma cena ou evento começa a se desenvolver de maneira um tanto nojenta ou preocupante, o autor muda e equilibra a direção narrativa e acrescenta um episódio engraçado ou um segredo bizarro a respeito de um de seus personagens. Além de ser engraçado e sem sentido, por vezes, ele lança mão de um 'humor de banheiro', por assim dizer, remetendo o texto à escatologia anteriormente mencionada. Por exemplo, o personagem principal em *The BFG. (Big Friendly Giant)* (DAHL, 2007b), libera persistentemente um "whizpopping" (p.59) (sua palavra para flatulências) à frente da Rainha.

Algumas vezes, Dahl pode parecer demasiado ácido e sarcástico em seu tom, especialmente quando ele está fazendo graça do tipo de gente e de comportamento que ele considera inaceitável. Em *Matilda* (2007a), tem-se a história de uma jovem menina, brilhante e prodigiosa, que sofre abuso psicológico e verbal por parte de seus pais rudes. A história funciona como um comentário pejorativo aos pais negligentes, egoístas e egocêntricos; ainda assim, logo no início da obra, Dahl caçoa de pais corujas:

É engraçado o que acontece com pais e mães. Até mesmo quando seu próprio filho é como a bolha mais nojenta que você possa imaginar, eles ainda sim acham que ele é maravilhoso. Alguns pais vão até mais longe. Eles se tornam tão cegos de adoração que conseguem convencer a si mesmos que seu filho tem as qualidades de um gênio. Bem, não há nada de muito errado com isto. É o jeito que as coisas são. É apenas quando esses pais começam a nos falar sobre o brilhantismo de sua revoltante prole que nós começamos a gritar "nos tragam um balde! nós

vamos vomitar!" Professores de escola sofrem consideravelmente ao ter que ouvir este tipo de ladainha vinda de pais orgulhosos, porém eles geralmente tem suas chances de se vingar quando escrevem os boletins de desempenho de final de semestre. Se eu fosse professor, eu iria bolar umas boas para os filhos de pais exibidos. "Seu filho, Maximilian," eu escreveria, "é um completo fracassado. Eu espero que você tenha um bom negócio de família que você possa empurrar-lhe garganta abaixo quando ele sair da escola por que ele certamente não conseguirá um emprego em nenhum outro lugar." ou, se eu estivesse me sentido lírico naquele dia, eu talvez escrevesse, "é uma verdade curiosa que gafanhotos possuem órgãos de audição nas laterais de seus abdomens. Sua filha Vanessa, julgando pelo que ela aprendeu neste semestre, sequer possui órgãos de audição (nossa tradução) (2007a, p. 12).

Em um artigo de 2005 publicado na revista *The New Yorker*, Margaret Talbot escreveu que os livros de Dahl regularmente aparecem na lista de títulos da Associação Americana de Bibliotecas (*American Library Association*) que leitores pedem para serem removidos das prateleiras de literatura infantil. Ela diz ainda que em 1995, uma mulher, tentando remover Dahl das bibliotecas de escolas de ensino fundamental no estado da Virginia nos Estados Unidos, disse ao jornal *Washington Post* que, em seus livros, as crianças são mal-comportadas e se vingam de adultos, sendo que nunca há nenhuma consequência para seus atos. Talbot continua dizendo que esse tipo de crítica é surpreendentemente comum em relação a Dahl e que, aparentemente, o ato de desafiar um adulto, não obstante esse seja cruel, é um ato de desafio de autoridade (e aqui leia-se de adultos). Seus personagens – crianças –, apesar de serem vítimas, não deveriam desafiar ou opor-se aos adultos; isso seria um mau exemplo para as crianças de verdade (TALBOT, 2005).

Apesar dos jovens personagens de Dahl serem frequentemente receptores de abuso e negligência, sua própria infância parece ter sido bastante agradável e feliz, apesar de não ter sido totalmente livre de dor. Seu pai, Harald, foi um corretor de navios bem-sucedido. Sua mãe, a poderosa e capaz Sofie, parecia considerá-lo seu favorito; Roald, um de cinco filhos, era conhecido como 'a maçã' (*the apple* – uma provável alusão à menina dos olhos de sua mãe). Enquanto Roald era o queridinho de sua mãe, sua irmã mais velha, Astri, era a escolhida de seu pai. Ela morreu de apendicite aos sete anos de idade; Dahl tinha apenas três anos quando isso ocorreu. O pai foi tomado de tamanha dor, dito pelo próprio

Dahl em suas memórias de 1984, *Boy*, que ele não teve nem o desejo nem forças para lutar contra uma pneumonia que acabou levando-o dois meses depois.

Por meio de suas memórias, nós sabemos que todos os verões, Sofie levava as crianças a uma ilha remota na Noruega, onde Roald ouvia contos e histórias maravilhosas sobre bruxas e ogros, nadava nos fiordes azuis e comia sorvete com “milhares de caramelos crocantes misturados nele” (DAHL, 1999, p.57). Entretanto, as escolas internas britânicas em que ele estudou, a partir dos nove anos de idade, proporcionaram, em sua maioria, experiências horríveis. A maior parte das histórias em *Boy* consiste de lembranças de surras que Dahl levou de diretores e colegas valentões. Planejar vinganças e esquemas era seu *modus operandi* favorito para afligir punição aos que o haviam ferido. Quando ele estava na escola, seus talentos não pareciam ser apreciados. Um boletim da escola Repton em 1930 – o qual está em exibição no *Roald Dahl Museum and Story Centre*, na cidade de Great Missenden – apresenta a seguinte avaliação de seu desempenho em inglês e redação: “um desordeiro persistente, escrevendo e dizendo o oposto do que pensa. Fracassa ao tentar corrigir isso com revisão ou raciocínio. Tem possibilidades” (In: TALBOT, 2005, p.1). No mesmo museu é possível ler sua primeira história escrita quando ainda era bem jovem, chamada *The Story of a Penny* (A história de uma moeda) na qual um pedaço de cobre deve exibir a efígie do rei George V impressa cruelmente no seu metal. Talvez seus professores não aprovassem o fato de que ele já estava mostrando favoritismo pelos desafortunados.

Ainda em *Boy*, podemos ler a respeito de seu amor por chocolate. Ele descreve o que, ocasionalmente, acontecia em seu lar, quando sua mãe trazia uma caixa simples de papelão com onze barras de chocolate para cada menino na sua casa. Dahl e os outros meninos decidiram avaliar e dar notas aos chocolates e levaram essa tarefa muitíssimo a sério. Ele elabora, ainda mais, a respeito de chocolates em suas memórias, o que indica que foi possivelmente seu amor pelo doce que o levou a criar sua própria fábrica de chocolate, mesmo que fictícia. Sua obsessão pelo doce perpassa diversas de suas histórias. Doces são, geralmente, o ponto de partida para comentários longos e inteligentes quanto a poderes e possibilidades imaginados. Chocolate, na literatura de Dahl, não

significa simplesmente uma gratificação para uma boca doce, e sim representa o quão maravilhado alguém pode se sentir em relação a algo que aparentemente é tão simples. Quando Billy, o menino na história *A Girafa, o Pelicano e Eu* (1998c) – originalmente publicado em 1985 – abre sua própria loja de doces com a ajuda de Duke e dos animais, ele faz pedidos para que lhe tragam confeitados de todas as partes do mundo. Portanto, chocolate funciona como uma analogia às possibilidades que a vida pode apresentar e quão doce esta pode ser. Billy consegue realizar seu maior sonho. Dahl usa a palavra ‘*confection*’ (confeito) em mais de um momento e ela parece carregar em si um sentido duplo. Os confeitados são uma fonte não somente de doçura para as papilas ou para a alma, mas também de criatividade (‘confeccionar’). Em nota pessoal, lembramos nossa infância, cheia de sonhos de doces, povoados por chicletes (Ping Pong era o nome), pirulitos e barras de chocolate. Que prêmio maravilhoso teria sido ganhar um ingresso dourado para visitar uma fábrica de chocolate como a de Willy Wonka.

Em seu segundo livro de memórias, *Boy, Going Solo*, Dahl descreve sua vida adulta como piloto da Força Aérea Real em episódios de guerra. Ele ainda nos conta sobre a época em que conheceu Ernest Hemingway e jogou pôquer com o então Senador americano Harry Truman. Ele também conheceu Walt Disney, para o qual ele vendeu a história *The Gremlins*. Esta foi sua primeira história infantil – não deve ser confundida com o filme de mesmo nome de 1984, de Joe Dante, com roteiro de Chris Columbus. Os Gremlins de Dahl são baseados nas lendas da força aérea, nas quais estas criaturas parecidas com gnomos tem a habilidade de sabotar aviões durante o vôo. Um filme baseado na versão de Dahl nunca foi feito devido a vários problemas de direitos autorais (a história vinha de uma lenda) e problemas de produção.

Ainda relacionado à sua vida adulta, há o episódio em que sua primeira esposa sofreu um derrame em 1965, ela estava grávida de sua quinta filha, Lucy. Enquanto ela se recuperava, Dahl cuidou do andamento da casa e da criação de seus filhos, desde levar as crianças à escola pelas manhãs até cozinhar e limpar. Uma vez que ele era um homem pragmático e engenhoso, durante esse período, ele ajudou a criar e desenvolver uma válvula para drenar água do cérebro,

aparelho que foi patenteado e usado para tratar milhares de crianças. Seu filho, Theo, que teve uma lesão cerebral devido a um acidente de carro, tinha que ter seu cérebro constantemente drenado de fluídos. Dahl, assim sendo, passou mais e mais horas com seus filhos, não somente cuidando deles, mas também provendo entretenimento, piadas, trotes, jogos e, é claro, histórias.

Vários de seus livros (*The B.F.G.*, *The Witches*, e *Matilda*) foram escritos na sua última década de vida. Cada um desses livros focaliza em um relacionamento entre uma criança e um adulto, no qual o primeiro sonha com uma amizade e compreensão perfeitas vindas do outro. O protagonista no livro *Convenção das Bruxas (The Witches)* (2007c), George, ama sua avó, que lhe diz a verdade horrível sobre as bruxas e o ajuda a derrotá-las. Quando o menino é transformado em um camundongo, ele ainda é capaz de vocalizar seus sentimentos e emoções e seu conforto é saber que camundongos não vivem por muito tempo e ele, então, provavelmente morreria antes que sua amada avó. Curiosamente, nenhum desses companheiros adultos sonhados por Dahl são mães – eles são pais, avós, mães postizas, como a bibliotecária em *Matilda* e a joaninha em *James e o Pêssego Gigante*.

O âmago das histórias de Dahl são sua disposição a permitir crianças a triunfarem sobre os adultos. Ele escreveu contos de fada modernos, que refletem o argumento principal que Bruno Bettelheim esboçou em seu livro de 1976, *The Uses of Enchantment* (2010). As crianças precisam da essência sombria dos contos de fada porque elas precisam entender, mesmo em um nível simbólico, a administrar seus sentimentos de ódio, raiva, mágoa e impotência. Elas também se beneficiam ao aprender sobre a violência através dos contos de fada, pois isto vai de encontro à recusa dos adultos de informar às crianças que a fonte de muito do há de errado em nossas vidas se dá devido à nossa própria natureza e à nossa tendência de sermos agressivos, anti-sociais e egoístas. Muitos contos de fada, semelhantes à maioria das histórias de Dahl, são narrativas complexas de desejos realizados. Elas ensinam ao leitor que padecer de sérias dificuldades na vida é inevitável e intrínseco à nossa existência. Contudo, não devemos fugir delas, mas devemos encarar o que muitas vezes é injusto, tentando ser

vitoriosos. Não obstante, essa é uma fantasia poderosa e esperançosa que nos mantém seguindo em frente (BETTELHEIM, 2010).

Seus adoráveis protagonistas são geralmente tímidos e, apesar de tudo, triunfantes. O bem-educado, cortês e gentil Charlie Bucket é o vencedor inesperado da competição de Wonka, exatamente porque ele é desse jeito. James é um órfão, que é humilhado e surrado por suas tias – os mesmos insetos que suas tias odeiam tanto são os animais que o ajudam a vencer. Matilda descobre que tem o poder secreto de mover objetos apenas com o pensamento e ela usa essa habilidade mágica para escrever uma mensagem acusatória no quadro da escola, a qual assusta enormemente sua inimiga, a horrorosa, nojenta diretora chamada Miss Trunchbull, levando-a a desistir de seu posto.

A maioria dos leitores jovens de Dahl nunca foi maltratada, mas ainda assim eles entendem que as surras e humilhações que seus personagens sofrem são metáforas para a falta de poder que há em ser uma criança. Qualquer criança apreciaria que Dahl, sendo um adulto, descaradamente toma seu partido. Ele dá voz e vitória aos injustiçados, às crianças sem poder.

ROAD DAHL AND THE FANTASTIC LITERARY FACTORY

ABSTRACT

This article is a critically informed commentary on the life and works of Welsh writer Roald Dahl. It is justified by the virtue of being unseen in Brazil, since there are no academic or scientific analyses concerning this important author up to this moment in this country. Dahl is responsible, mainly but not exclusively, for acclaimed works of children's literature. A good deal of his books has been transformed into celebrated cinematographic adaptations, especially the 1971 and the 2005 versions of *Charlie and the Chocolate Factory*. The present text narrates the most important events in the trajectory of the author always linking it with elements that, directly or indirectly, meaningfully influenced his literary output. We conclude by interpreting the reasons that lead so many children to adore and to

psychologically identify in a deep level with Dahl's works and that lead adults to demonstrate the ideologically inverse attitude.

Keywords: Roald Dahl. Welsh writer. Children's literature. Historiographic criticism.

Notas

- ¹ Mestre em Letras/Literaturas de Língua Inglesa – UFRGS. Doutoranda em Letras/Literaturas de Língua Inglesa - UFRGS
- ² Mestre em Letras/Língua Inglesa e Respectivas Literaturas – UFSC. Doutorando em Letras/Literaturas de Língua Inglesa - UFRGS

REFERÊNCIAS

AP – ASSOCIATED PRESS. Britain celebrates first Roald Dahl Day: fete to mark 90th birthday of 'Charlie and the Chocolate Factory' author. In: *MSNBC Today*. 13 set. 2006. Disponível em: <<http://today.msnbc.msn.com/id/14817244/from/ET/38893930>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

BETTELHEIM, Bruno. *The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales*. New York: Vintage Books, 2010.

DAHL, ROALD. *James and the Giant Peach*. New York: Puffin Books, 1997, 160 p.

_____. *Danny, the champion of the world*. New York: Puffin Books, 1998a, 224 p.

_____. *George's Marvelous Medicine*. New York: Puffin Books, 1998b, 96 p.

_____. *The Giraffe, the Pelly, and Me*. New York: Puffin Books, 1998c, 80 p.

_____. *Boy: Tales of Childhood*. New York: Puffin Books, 1999, 176 p.

_____. *Matilda*. New York: Puffin Books, 2007a, 240 p.

_____. *The BFG (Big Friendly Giant)*. New York: Puffin Books, 2007b, 224 p.

_____. *The Witches*. New York: Puffin Books, 2007c, 208 p.

HOWARD, Kristine. About me. In: *Roald Dahl Fans*. 2010. Disponível em: <<http://www.roalddahlfans.com/me.php>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

ORWELL, George. Such, such were the joys. In: *Partisan Review*. Setembro-outubro 1952. Disponível em: <http://orwell.ru/library/essays/joys/english/e_joys>. Acesso em 8 jan. 2011.

TALBOT, Margaret. The candy man: why children love Roald Dahl's stories-and many adults don't. In: *The New Yorker*. 11 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.newamerica.net/node/7509>>. Acesso em: 8 ago. 2009.

TREGLOWN, Jeremy. The height of fancy. In: *guardian.co.uk*. 09 set. 2006. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2006/sep/09/roalddahl.fiction>>. Acesso em: 11 jun. 2009.